

## **A trajetória de Paulo Simões e seu diálogo com narrativas bíblicas – um estudo do romance *Pessach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony**

Doutoranda Marina Silva Ruivo<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Nesta comunicação, realizaremos uma leitura do itinerário do narrador e protagonista de Pessach: a travessia, Paulo Simões, mediante o enfoque de sua relação com a narrativa bíblica do Êxodo, a qual também se entrecruza com imagens da Paixão de Cristo.*

**Palavras-chave:** travessia, renascimento, morte, redenção.

### **Introdução**

Em meu primeiro contato com o romance *Pessach: a travessia*, publicado em 1967 por Carlos Heitor Cony, vários foram os fatores que de pronto me mobilizaram e envolveram. Um deles, porém, parecia arrastar-me com veemência a uma reflexão mais detida sobre o texto: a trajetória de Paulo Simões, seu narrador e protagonista, recheada por episódios inusitados e guiada, aparentemente, pelo que ele mesmo qualifica como uma “série de equívocos e acasos” (CONY, 1967, p. 143). No princípio do enredo, era Paulo um escritor que procurava não se envolver com as candentes questões políticas de seu tempo – os primeiros anos de ditadura civil-militar no Brasil –, e que buscava prosseguir com sua vida e sua produção literária da forma menos vinculada quanto possível do universo ideológico acentuadamente polarizado daquela época. Como então ele fora parar justamente no seio de um agrupamento de oposição armada à ditadura? Que elementos textuais organizariam seu itinerário, de forma a dar a impressão de que tudo não passara de uma seqüência de casualidades e equívocos que o abarcava e praticamente não lhe dava margem de escolha e ação? Onde estaria afinal a raiz literária desse percurso?

A presença do acaso revelava-se para mim como o elemento aparentemente responsável pela organização da trajetória deste protagonista e do enredo, mas, por outro lado, eu verificava como não era ela sua força-motriz, e sim apenas sua ponta mais visível. Paralelamente, reconheci que a relação que se manifesta desde o título do romance, o diálogo com a narrativa do Êxodo, não é só mais um elemento do texto, senão que o modo pelo qual ele está estruturado e organizado. Diferentemente da influência do imaginário cristão que se pode encontrar em diferentes graus e modalidades na obra literária e jornalística de Cony, no caso de *Pessach: a travessia*, a narrativa bíblica do Êxodo, em sua íntima relação com a Paixão de Cristo – no que o autor seguiu a leitura tipológica tradicional cristã –, parece ter sido efetivamente entranhada no texto, abarcada por ele e introduzida no contexto cultural e imaginativo brasileiro do final dos anos 1960. É o diálogo com estas narrativas que desempenha o papel de centro organizador do enredo deste romance, fornecendo sentido e coerência ao trajeto de Paulo Simões e à sua aparente casualidade equivocada, como pretendo delinear por meio desta comunicação.

## **1 Pessach: a passagem por cima?**

### **1.1 “No vértice da outra metade”**

Já o título do romance nos remete ao mundo retratado pelo Êxodo: a palavra “pessach”, apesar de sua etimologia desconhecida, está inevitavelmente ligada ao episódio do êxodo hebreu do Egito, narrado principalmente no segundo livro do Pentateuco. Antes mesmo de principiarmos a

leitura do romance, portanto, sabemos que haverá nele algum tipo de relação com esta narrativa bíblica, e tal vinculação é reforçada desde a primeira cena, que nos apresenta a Paulo Simões, sintomaticamente, despertando na manhã de seu aniversário de 40 anos. Completar 40 anos era um acontecimento importante a Paulo, como o primeiro parágrafo do texto nos mostra:

Faço hoje quarenta anos. A data não me irrita, nem me surpreende. Isso não quer dizer que eu esteja preparado para ela. Apenas, recebo-a sem emoção, sem tédio. Sinto-me suficientemente maduro para aceitá-la com honestidade e coragem, mas não estou pronto, ainda, para assimilá-la como um fato de rotina, inexorável. A prova disso – de que lhe dou importância talvez exagerada – é que estou preocupado com ela. (CONY, 1967, p. 3).

Como sabemos, o número 40 possui presença significativa na Bíblia, é um número simbolicamente forte e chave em diversos acontecimentos das narrativas do Velho e do Novo Testamento. Nos episódios ligados ao Êxodo, ele também desempenha seu papel: os filhos de Israel, após saírem do Egito, foram determinados por Jeová a passar 40 anos no deserto, para só então alcançarem a Terra Prometida. Além disso, para a conclusão da Aliança, mediante a entrega das “tábuas de pedra – a lei e o mandamento” (Êxodo, 24, 12), Moisés é convocado por Jeová a permanecer “na montanha quarenta dias e quarenta noites” (Êxodo, 24, 18). Por esses rápidos exemplos, percebemos como 40 é um número relacionado, no plano do imaginário, à noção de um tempo de provação, necessário para que se possa seguir adiante.

Paulo Simões, ao fazer 40 anos, sente haver chegado à metade de sua vida, a um ponto essencial dela que, ao mesmo tempo em que se associa a uma possibilidade de se reinventar e renascer, não deixa de trazer também, como o outro lado inevitável da moeda, a sugestão da proximidade da morte. Referida como uma hipótese remota a compor seu raciocínio, a presença da morte revela-se logo ao princípio da narrativa:

**Se tivesse coragem de começar minha vida novamente**, é possível que não repetisse alguns enganos e acertos, mas de qualquer forma, gostaria de repetir esta disponibilidade em que estou agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de *metade* os quarenta anos. Dificilmente chegarei aos oitenta, mas a *metade* talvez não seja cronológica, mas intemporal, interior. Pelo menos, é assim que me sinto. **Ainda que morra amanhã**, essas vinte e quatro horas deverão ser densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio na vida e esse equilíbrio é que a torna monótona. (CONY, 1967, p. 4, *itálicos do original, negritos meus*)

Não é à toa, assim, que Paulo receba, nesse mesmo dia, um desenho esboçado do útero de sua mãe, feito pelo médico que a tratava, e, de outro lado, um comprimido de cianureto, dado por seu pai. Como já assinalou Renato FRANCO (1998, p. 59), Paulo ganha, como uma espécie de presente de aniversário a possibilidade da morte voluntária e a lembrança da origem de sua vida. Para Paulo, nascimento e renascimento estavam indissociavelmente relacionados à proximidade da morte, neste dia em que ele chegava ao vértice da outra metade da vida, e esta interligação se revela completa ao final do enredo.

## **1.2 “O caso de Sílvio”**

Toda a primeira parte do romance é constituída pela narração de suas atividades neste dia, e o acontecimento mais importante é o “caso de Sílvio”, como Paulo a ele se refere. É este o episódio que põe o enredo definitivamente em movimento, em seu rumo. Antes de sermos apresentados a este amigo do protagonista, obtemos algumas informações importantes sobre Sílvio, focalizadas pelo ângulo particular do narrador. Assim, Paulo sabia vagamente que Sílvio estava envolvido com alguma forma de oposição à ditadura. Em suas palavras, o amigo, “Desde que se meteu a **salvar o país e redimir a Humanidade** que se julga perigoso inimigo da ordem vigente, cujos passos e telefonemas são seguidos e gravados pelos distritos policiais e pelo Pentágono. No fundo, é um

patriota.” (CONY, 1967, p. 4, negritos meus). É importante atentarmos para a noção de redenção, aqui relacionada à figura de Sílvio e vista sob as lentes costumeiramente irônicas de Paulo, mas que se revela uma noção fundamental ao enredo.

O caso de Sílvio seria mais uma das atividades daquele dia, um encontro marcado devido à insistência do amigo, e, de acordo com o narrador, apenas por esquecimento é que ficara justamente para o dia do aniversário. Porém, Sílvio e seu caso serão cruciais para o trajeto de Paulo: será o amigo que, acompanhado por outra militante, Vera, lhe fará a proposta até então impensável, a de participar do movimento de resistência e oposição ao regime, entrando em um grupo que se preparava para o combate armado. Paulo, um intelectual carioca, um ficcionista que não apreciava o envolvimento político, recebe um chamado que, paulatinamente, podemos reconhecer, em paralelo, que ecoa o recebido por Moisés, embora em um contexto contemporâneo e bem mais prosaico. Ao receber o convite, Paulo desacredita por completo da possibilidade, chegando mesmo a ridicularizá-la. Entretanto, ela não lhe sai da cabeça, de um jeito ou de outro, e acaba por ser comentada com vários dos personagens com quem ele se encontra neste dia.

### **1.3 “A crônica de um judeu assimilado”**

Neste contexto, tenhamos em mente outro elemento: é ainda nesta primeira parte de *Pessach*, denominada “A Passagem por Cima”, que ficamos sabendo do projeto de Paulo para um novo romance, que seria uma retomada de um antigo projeto, “a crônica de um judeu assimilado que não teve coragem de retornar às suas origens, nem covardia bastante para continuar escondido” (CONY, 1967, p. 10), na qual seu personagem ficaria no meio, no impasse, na posição em que ele, Paulo, sentia-se também desde a mocidade: um homem neutro, que procurava passar por cima dos conflitos, das polaridades, disputas e escolhas. A história iria se inspirar na trajetória de seu pai, relacionando-se de perto com a sua própria experiência: fora com o pai que ele aprendera a omitir seu sobrenome, Gordberg Simon, modificando-o para Simões, na busca por apagar as raízes judaicas. Esta mudança de sobrenome, no entanto, parece ter apresentado um elemento imprevisível a Paulo: ao deixar de ser Gordberg Simon, e se assumir publicamente como Simões (não por acaso, um anagrama de Moisés), o personagem, sem o perceber, parece ter associado ainda mais seu destino ao do personagem bíblico – e aqui lembremo-nos de que a mudança de nome, para a cultura em que veio à luz o Velho Testamento, associava-se à mudança do destino e mesmo da personalidade daquele que o portava. Sendo Paulo Simões (Paulo Moisés), ele não poderia mais permanecer passando por cima das situações; sua passagem teria de assumir claramente um posicionamento diante da vida e do mundo, e ele teria de fazer sua travessia, inevitavelmente.

Paulo era um homem de dois mundos, que não se encontrava plenamente em nenhuma das posições nos ambientes em que circulava – ao cumprir o serviço militar obrigatório, por exemplo, “não conseguia pertencer a nenhum dos grupos” nos quais se dividiam os rapazes: não era “crente” nem “herege”, não era “caxias” nem “subversivo” (CONY, 1967, p. 7). Sobre esse período de sua vida, comenta: “Cumpria os regulamentos e me detestava por isso. Para os crentes, eu era hipócrita. Para os hereges, era quase crente. Ficava assim onde queria: no meio. Sozinho.” (CONY, 1967, p. 7). Com essas características, o protagonista lembra muito a figura de seu pai, e ainda, de certa forma, ao ficar sempre entre dois mundos, guarda semelhanças com Moisés, o menino hebreu que foi criado entre os egípcios, para depois de adulto voltar a juntar-se aos seus.

Do romance que ele ambicionava escrever já havia, em verdade, um esboço, escrito há dez anos, cujo manuscrito vem à tona no dia de seu aniversário, pelas mãos da ex-mulher. Sem se recordar de seu conteúdo, Paulo encontra dificuldade para decifrar sua antiga letra, e reconhece que os primeiros parágrafos não passavam de uma glosa da narrativa do Êxodo:

*Houve uma noite, há muitos anos, que todo um povo foi deitar escravo. Seguindo a rotina da escravidão, todos foram dormir cedo. No dia seguinte, voltariam a seus trabalhos. Súbito, um jovem aparece no meio deles. É aproveitar aquela noite, o*

*sono dos guardas, fugir. O deserto os espera. O Anjo do Senhor fez a passagem por cima dos tetos hebreus e agora cabe aos homens fazer a travessia. Quarenta anos de pedra e maná, fome e revolta. Os velhos morrerão na areia, os jovens talvez sobrevivam e talvez cheguem a algum lugar. O importante é que, nessa noite – e não em outra – todos terão de tomar a decisão: a escravidão ou a liberdade. E o povo todo – um povo inteiro – com seus utensílios, suas ferramentas, seus rebanhos, aproveita a escuridão e foge para o deserto. Levam o pão sem fermento, não houve tempo de fermentá-lo, com a luz do dia os soldados rondariam os acampamentos, os açoites castigariam a carne escrava. E em silêncio, todo um povo abandona suas casas e vai para o deserto. (CONY, 1967, pp. 119-120, trecho em itálico no original).*

A presença deste esboço no final da primeira parte do romance de Cony explicita sua estruturação narrativa, funcionando como uma espécie de aviso para que atentemos ainda mais para a trajetória que seu narrador e protagonista vai percorrer, já que também Paulo Simões vai precisar decidir entre a liberdade e a escravidão; especificamente, em seu contexto, entre a luta contra a ditadura ou a cumplicidade com ela. Mas Paulo, como personagem mais do que como narrador, ainda não pode perceber isso, e nós acompanhamos seu relato confiando em sua autoridade de narrador em primeira pessoa – reforçada pelo uso do presente do indicativo como tempo verbal, que procura diminuir a distância temporal que o ato de narrar necessariamente produz. Dessa maneira, à primeira leitura podemos tomar como brincadeiras e ironias várias de suas falas, como as que se referem ao “tempo para fermentar o pão” (CONY, 1967, p. 120).

#### **1.4 Aliciamento?**

Como na glosa do Êxodo que escrevera dez anos antes, é um jovem que lhe aparece repentinamente dizendo ser necessário sair o mais rápido daquela cidade. Tratava-se, na verdade, de uma jovem, Vera, a militante que viera à sua casa juntamente com Sílvio, e cuja função no grupo revolucionário, aliás, era a de “aliciadora” (CONY, 1967, p. 157); Paulo, contudo, ao vê-la dormindo no interior do seu carro, pensara de início tratar-se de um rapaz. Ao aceitar dar uma carona a ela, para tirá-la do Rio de Janeiro e ajudá-la a escapar de um cerco policial, Paulo dava início à sua travessia, sem o perceber com clareza, e acreditando estar apenas sendo cortês. Os imprevistos, entretanto, não cessam, por meio de uma série de acontecimentos que se travestem do mais absurdo acaso: eles se deparam com um carro quebrado na estrada, cujo motorista pertencia ao mesmo grupo de Vera; diante desta nova dificuldade, Vera mais uma vez recorre a Paulo, em um pedido que é misto de súplica e ordem, e a que Paulo não consegue resistir, acatando com submissão. Ambos partem para uma fazenda de treinamento do grupo, a fim de levar um militante ferido que precisava de cuidados imediatos, mas a chegada à fazenda não é nada amistosa, e imediatamente Paulo se torna uma espécie de prisioneiro e de hóspede e, como ele verá, também um militante político em processo de recrutamento. A partir de então, e apesar de sua má-vontade expressa às claras, dará início à sua entrada em um mundo que lhe era completamente inusitado, em que se podia morrer ou matar a qualquer momento, e em que era preciso estar disposto a dar a própria vida. A proposta de Sílvio, recusada inicialmente, acaba por ser acatada lentamente, mediante essa série de acontecimentos detonada a partir da primeira aceitação de Paulo: a carona concedida a Vera, ou, ainda antes, o próprio encontro com Sílvio. Como ele diz a si próprio:

Sílvio. Procurou-me durante uma semana, propositadamente evitei-o, limitando-me a tomar o apartamento: RESOLVER O CASO DE SÍLVIO. Marquei aquele encontro idiota e aqui estou eu. Ele é o culpado de tudo. Mas há Vera também, e ela tem de ser culpada de alguma coisa. A bomba na embaixada. Preciso de prudência, as barreiras serão fechadas, pedirão documentos, sou fichada no Partido e na DOPS, tenho de antecipar-me. [...] **Depois eu aceitei o jogo.** (CONY, 1967, p. 158, negritos meus).

Sua margem de escolha era grande ao princípio; todavia, com sua opção, um tanto impensada naquele momento, de seguir adiante, ela se estreitara mais e mais, até chegar a um ponto em que, como logo veremos, já não era possível voltar atrás, mesmo que ele quisesse. Antes do último gargalo, Paulo passa ainda por uma situação em que suas possibilidades de optar não seguir com aquele grupo aumentam. Ele, porém, nitidamente então, escolhe continuar e fazer a travessia, sua travessia.

## **2 Testemunhando a violência**

### **2.1 Indícios da escolha**

Vários indícios da trajetória de Paulo são fornecidos por *Pessach* desde o princípio: o chamado de Sílvio; as constantes referências sobre o Êxodo; o antigo esboço de romance escrito por Paulo, glosa desta mesma narrativa. Contudo, há um episódio específico em *Pessach* que é bastante importante para o desenvolvimento subsequente do enredo, inclusive porque, com ele, o romance de Cony deliberadamente constrói-se em paralelo à narrativa do Êxodo, procurando enfatizar a importância do que considera como uma motivação pessoal, existencial, do despertar de Moisés e, mesmo, do povo como um todo que fugiu à opressão no Egito. Vejamos rapidamente como Paulo interpretava os episódios do Êxodo:

Evidente, sentia – como sinto ainda – a beleza do episódio em si: o povo escravizado, mas alimentado, decide partir para a aventura no deserto, liderado por um tipo suspeito como Moisés. Quem seria Moisés aos olhos do hebreu da época anterior ao Êxodo? Um camarada encontrado nas águas, educado no reduto inimigo: o palácio do Faraó. Bem verdade que esse camarada havia matado o guarda egípcio, em defesa de um escravo hebreu.

Aí está, mais ou menos, o núcleo do romance: o episódio do Êxodo, cujas evidências sociais, políticas e religiosas são claras, nasceu de motivação estritamente pessoal. Poderia até usar a expressão: uma motivação existencial. Moisés, desde criança, habituara-se à idéia de que seu povo era escravo. Aceitava o pão e a proteção do opressor de seu povo. Um dia, viu a violência [...]. Já vira, antes, muitos hebreus açoitados, até assassinados. Mas um determinado escravo, ou um determinado açoitado, foi o bastante para a decisão e o resto.

Uma vez no exílio, resolveu seus problemas imediatos: [...]. Mas – então sim – estava contaminado pela obstinação de libertar o seu povo. A motivação pessoal cedeu à motivação social. O resto é lenda: as pragas, a passagem do Mar Vermelho, o Anjo do Senhor passando por cima das casas hebréias, poupando os primogênitos da raça, o pão não fermentado, o maná, a legislação do deserto: o Sinai. (CONY, 1967, p. 204-205)

Registremos ainda o dado de que Paulo passava a sentir-se cada vez mais sórdido ao estar no meio de pessoas que estavam dispostas a enfrentar inclusive a morte, enquanto ele tinha como “missão” atender a uma encomenda da editora e escrever um conto sobre a virgindade, pelo ponto de vista do que ele chamava de um “bidê compreensivo” (CONY, 1967, p. 91). Ao passo em que os militantes hesitavam quanto à melhor estratégia de luta, Paulo procurava “ficar neutro, o mais neutro possível, neutro diante de tudo o que está me acontecendo. Passo por cima. *Pessach*.” (CONY, 1967, pp. 175-76), e sua hesitação era: “[...] mais estúpida e amarga: bidê ou *Pessach*. Bidê ou atravessar. Atravessar o quê? Passar por cima – o Anjo do Senhor poupou os primogênitos de seu povo. Passar o Mar Vermelho – rubicão coletivo de todo um povo.” (CONY, 1967, p. 176, *itálico do original*).

### **2.2 A impossibilidade de passar por cima**

O episódio em questão ocorre na segunda noite de Paulo na fazenda, e carrega-se de violência e surpresas. Nele, a militante Vera é estuprada pelo copeiro da fazenda, o “crioulo”, como o chama

Paulo, em uma ação cometida sob o mando direto de Macedo, o chefe do movimento no local. Paulo é transformado em testemunha do evento e, pela primeira vez no enredo, age por iniciativa própria no intuito de ajudar outra pessoa, sem que para isso tenha sido diretamente solicitado, nem tenha recebido ordens. A cena é emblemática e recheada por imagens impactantes, cuja associação às imagens bíblicas revela-se paulatinamente. Como já o fez Paulo FRANCIS (1967, p. 182), poderíamos pensar que não há função para esta cena na narrativa, afinal, nela, a violência é cometida de forma absolutamente gratuita contra uma militante do movimento, com a participação direta do líder dos guerrilheiros. Uma ação de violência entre companheiros, que nos choca até mais do que a violência cometida pelas forças da repressão. Mas, é também pela aparente gratuidade da cena que acredito ser importante prestarmos atenção a seus elementos e imagens, tão ricos em significação.

Paulo caminhava sem rumo pela fazenda, insone, até perceber luz num dos cômodos da casa grande, aproximando-se, curioso. Ao escutar gemidos vindos de dentro de um dos quartos, reconhece que algo não ia bem, arrombando a porta e se deparando com uma cena que era “mais ou menos o que esperava ver, com algumas surpresas” (CONY, 1967, p. 181): Macedo nu, com um chicote nas mãos e o pênis à mostra, tornando visíveis as marcas das torturas policiais a que fora submetido logo depois do golpe de 64; em cima da cama, e também nu, o copeiro, que estuprava Vera. A batina vermelha com que ela se vestira fora toda rasgada, e seus pedaços estavam espalhados em volta da cama, cujo lençol manchava-se de sangue. Paulo é atacado por Macedo, mas consegue imobilizá-lo, dando início a um combate com o copeiro, em que a vantagem é deste, bem mais forte e ágil. Logo Paulo é encurralado pelo copeiro, que tem nas mãos uma garrafa de vidro quebrada, apontada para ele, e é somente nesse momento que Paulo se dá conta de que o quarto estava impregnado do cheiro de álcool, não tendo tempo para processar mais esta informação, pois a morte apresentava-se como um fato irremediável. Inesperada reviravolta desenrola-se, porém, e Macedo atira no copeiro, atingindo-o mortalmente, fazendo com que o corpo morto caia abraçado aos pés de Paulo.

Procurando compreender o que acabara de ocorrer – a sua vida salva pelo homem com quem antipatizara à primeira vista, que lhe parecera absolutamente estranho e rude –, outra visão lhe desperta a atenção: “Vera cobre seu corpo – até então ela estava nua e eu nem reparara” (CONY, 1967, p. 182). Nesta oração, percebemos uma clara referência ao Gênesis bíblico, sem que se perca, contudo, a verossimilhança da situação. Afinal, seria perfeitamente verossímil que Paulo não houvesse atentado à nudez de Vera por estar completamente absorvido em um combate de vida e morte; mas, por outro lado, tivera tempo para notar a nudez de Macedo e do crioulo. Tão logo findara a luta, Vera, que estivera o tempo todo imóvel, dera-se conta de sua nudez, com pudor, e cobrira-se com os restos da batina vermelha, assemelhando-se a “uma imagem de São Sebastião, seminu” (CONY, 1967, p. 184). Vera, aliás, fora estuprada a mando do chefe do grupo em que militava, e perdera também sua virgindade, em uma violência múltipla. Aquela mulher, destemida e determinada, guardava elementos de inocência, e, tamanha era sua confiança na integridade moral do chefe, não fora capaz de perceber a cilada montada contra ela, mesmo depois de ver Macedo se despindo.

A seu passo, a violência cometida brutalmente contra Vera despertara em Paulo uma força e ódio que ele não imaginava possuir, convocando-o a sair da neutralidade com que se habituara a situar-se no mundo. Apenas para tomarmos um pequeno exemplo, o conto sobre a virgindade jamais voltaria a ter espaço mental para ele após este episódio. A atitude de Paulo diante da vida e do mundo modifica-se, apesar de ele mesmo demorar a se dar conta disso, e, à semelhança da interpretação que ele fazia da narrativa do Êxodo – destacando os elementos de motivação existencial –, fora necessária, também para ele, uma motivação pessoal, para que se apossasse das rédeas de sua vida e, inclusive, se entregasse a uma motivação mais social.

### 3 “Pessach” como travessia

#### 3.1 A escolha motivada

No episódio subsequente, Macedo, com o revólver nas mãos, exige que Paulo colabore com o enterro às escondidas do corpo do copeiro, em uma cena que nos faz também pensar em Moisés, que ocultou na areia o corpo morto do egípcio, como nos diz o texto bíblico: “Naqueles dias, Moisés, já crescido, saiu para ver os seus irmãos, e viu as tarefas que pesavam sobre eles; viu também um egípcio que feria um dos seus irmãos hebreus. E como olhasse para uma e outra parte e visse que ninguém estava ali, matou o egípcio e o escondeu na areia.” (Êxodo, 2, 11-12).

Paulo, tão logo se vê de posse do revólver do líder, aponta para Macedo e ameaça atirar, caso este procure impedir sua partida e a de Vera. Em meio a vários acontecimentos, não conseguirá, porém, deixar a fazenda, perdendo inclusive a posse do revólver. Mas, a partir deste marcante episódio, irá se posicionar mais e mais de forma ativa e determinada, escolhendo suas ações – muito embora mantenha sua crítica diante daquele grupo e daquelas propostas, e continue por bastante tempo afirmando que só permanecia com eles porque estava curioso por ver em que aquilo tudo iria dar. Para si próprio, contudo, admite que fora ele mesmo que se envolvera:

**É certo: eu cooperara, desde o início, com a engrenagem que me tragava.** Se realmente repelisse aquilo, teria encontrado o meio e o modo de dar o fora, sem ser preciso enfrentar a possibilidade de um tiro, a cova aberta ao pé dos eucaliptos. [...] Afinal, **fui eu mesmo** quem peguei no telefone e marquei o encontro com Sílvio. Sabia que alguma coisa ia acontecer, conheço as idéias dele, seu modo de vida, deveria mantê-lo a distância. Não o sabia tão comprometido assim, mas poderia adiar infinitamente o encontro para resolver aquele *caso*. Depois, foi o declive que mal percebia, Vera me seguindo, o jantar, a vidraça, a fuga. [...]

**Admito, enfim, a minha cumplicidade.** Há em mim uma comportada rebeldia contra tudo o que é mundo. Essa rebeldia limitou-se, até agora, a uma obra fracionária, mais ou menos moralista e mais ou menos escandalosa. O certo é que não vou escrever nem a encomenda da editora, nem o romance que me promete há anos. Os tempos são de ação: estou agindo. **Já ajudei a enterrar um cadáver.** Foi uma ação. (CONY, 1967, pp. 218-219, itálico do original, negritos meus).

Permanecendo com o grupo, parte com ele para o Sul, depois de breve escala na capital paulista. Os militantes reúnem-se em outra fazenda, no interior do Rio Grande do Sul, de onde darão início ao plano de colocar em xeque o governo militar. Entretanto, o plano é desbaratado antes mesmo de ser posto em ação: o grupo fora traído, a repressão cercara a fazenda e matara a todos. Apenas cinco conseguiram sobreviver, por estarem em outro local na hora fatídica; dentre eles, Paulo. A partir de então, o protagonista, Vera, Macedo e outros dois militantes têm diante de si não mais o horizonte de “vitória ou morte” do conhecido jargão revolucionário, e sim a preparação “para a fuga ou para a morte” (CONY, 1967, p. 268), partindo rumo à fronteira com o Uruguai. Paulo já estava comprometido dos pés à cabeça com o grupo, nenhum retorno lhe era mais possível, e, com algumas dificuldades, adapta-se à nova situação. De pronto, é ele o único que sabe dirigir o carro velho que tinham em mãos e, apesar da estrada esburacada e do medo, e sem perder seu tom irônico, Paulo “considera **um milagre, à conta de hipotéticos méritos espirituais**, não ter enfiado o Ford em definitivo e fatal buraco” (CONY, 1967, p. 269, negritos meus). Estava consciente de que “Entrara num jogo e perdera, antes mesmo do primeiro lance” (CONY, 1967, p. 269).

#### 3.2 Os sacrifícios

Os episódios se sucedem em rápida velocidade, e um a um os militantes são mortos pelos soldados do Exército que os cercam. A morte de Macedo – o chefe que durante a fuga adquirira para Paulo o estatuto da heroicidade, assemelhando-se a “um Moisés esculpido em carne” (CONY, 1967, p. 288) – compõe uma cena dramática e sacrificial: Macedo, qual um “animal possesso”, um “lagarto, colado ao chão calvo e duro”, parte para a morte certa, “lubrificado de potência e raiva”,

lançando-se repentinamente de pé na estrada, “de braços abertos, uma granada em cada mão”, surpreendendo em absoluto os soldados, ao se parecer com “um louco, nascido da terra, para vingá-la” (CONY, 1967, p. 295). Macedo morre instantaneamente, tendo o corpo cortado ao meio, atingindo seu objetivo de que Paulo e Vera pudessem sobreviver. Nas palavras de Paulo:

Fôramos tão rápidos – e Macedo fora tão suicida – que nenhum dos soldados chegou a perceber de onde vinham os tiros que os caçavam. A visão que surgira à frente deles, o louco no meio do caminho, braços abertos, o vento fustigando a barba empoeirada, duas lágrimas de ferro e pólvora em cada mão – imobilizou-os, amontoou-os, receberam as duas granadas em cheio, não puderam perceber que nós, daqui da vala, tínhamos o alvo fácil e imóvel. (CONY, 1967, p. 295).

Depois de todas aquelas mortes, depois de Vera ter se colocado em sua frente, atirando-se à morte para que ele permanecesse vivo, depois de haver sentido em seu corpo o sangue daquela mulher, e ter lhe dado água para beber, lavando também seu rosto, para limpá-lo do sangue e da terra, o protagonista chegara finalmente diante do rio que marcava a fronteira com o Uruguai. Enquanto ela agonizara, ele permanecera o tempo todo em cima de seu corpo, esquentando-a, sem chorar, porém com “um estupor pior que o medo e o pranto” (CONY, 1967, p. 300). Carregando em suas mãos o corpo morto de Vera, “um corpo translúcido e frio, gerado da terra e da noite, parto misterioso, feito de raiva e futuro, que a morte consagra” (CONY, 1967, p. 300), Paulo encontra uma vala já aberta e ali a enterra, cobrindo-a de terra com desespero, usando suas próprias mãos para a tarefa, e espetando a metralhadora em cima do local, como “Um desafio disforme e solitário, em feitio de guerra. Quando houver sol, sua sombra será em feitio de cruz.” (CONY, 1967, p. 300). Diante do rio, Paulo sente o “cansaço de muitos dias, a confusão de quarenta anos me pesa e oprime. Estou barbado, sujo de sangue, fedendo a terra e a morte.”, mas vê que há luz à sua frente, “a aurora que nasce para mim – e para ela caminho.” (CONY, 1967, p. 300):

Espectador solitário da manhã que chega, sigo pouco a pouco. O riacho abre-se a meus pés. Macedo tivera sorte em escolher aquele trecho, vejo do outro lado a fácil margem. Lavo o rosto naquela água que corre, sinto a aspereza e o calor do homem que há em mim.

O dia clareia, avermelhado e rude. O sol daqui a pouco pulará no horizonte, expulso do ventre da terra amanhecida. Dou alguns passos em direção à outra margem. Estou deixando a terra e penetrando num estranho espaço, sem raízes. Faço uma volta em torno de mim mesmo, contemplo o que ficou atrás, mundo de chão e céu. O sangue da madrugada torna fantástico aquele território imenso, feito não apenas de chão e céu, mas de dor e de gente, de águas e claridades, de prantos e afagos. Estou no vértice do enorme triângulo irregular que é a promessa de um povo, a missão de um homem. (CONY, 1967, p. 301).

### **3.3 Puro presente, travessia**

O futuro, agora, pouco importava a Paulo, e em verdade não havia mais futuro possível a ele depois daquelas experiências tão intensas – à semelhança de sua leitura do Êxodo, momento em que “o povo inteiro, certa noite, escolheu a liberdade”, em uma escolha que fazia com que o futuro pouco importasse, já que o que importava era a noção de que “O povo partia para seu próprio destino” (CONY, 1967, pp. 204-205). A travessia de Paulo estava feita, cumprida, e ele já se libertara de seu passado, como o percebera claramente, mal tivera início a fuga: “O passado fica distante, no tempo e no espaço. Estou sem vínculos, à medida que fujo fico mais livre, agora que estou tão preso e enalacrado.” (CONY, 1967, p. 273). Já havia renascido praticamente por completo, sentindo seu “corpo que – não mais trôpego, e transparente – surge afinal, obstinado e lúcido, a serviço do homem, de encontro à vida” (CONY, 1967, p. 301). Como já estava indicado desde o princípio do enredo, seu renascimento associava-se intimamente à morte, e é por esta perspectiva que se pode compreender seu gesto final: sentindo uma alegria selvagem, ele abandona



a travessia e volta à margem, concluindo sua narrativa do seguinte modo: “Desenterro a metralhadora – e avanço” (CONY, 1967, p. 301).

Como o romance nos sugere, portanto, Paulo recusa-se a atravessar o rio, escolhe submeter-se à morte certa que iria advir do encontro breve com os soldados. De seu ponto de vista, ele havia se redimido em termos pessoais, por assim dizer, ao abandonar a neutralidade e assumir suas escolhas e ações. Lembremo-nos de que não somente Sílvio, mas também Macedo e Vera acreditavam que, pessoalmente, Paulo era ainda “recuperável” (CONY, 1967, p. 171). O novo romance, que Paulo não chega a escrever, transforma-se no destino que ele assume para si mesmo, como *Pessach* nos sugeria desde o começo, e em semelhança com a operação ficcional que Paulo Simões pretendia elaborar em seu texto: “Aí estão os elementos do romance. Reduziria toda essa passagem à vida de um simples homem – meu pai – à vida obscura de um homem triste. Seria esforço de imaginação – e de interpretação – compará-lo a Moisés.” Mas, como ele também diz, “Evidente, no grande homem há um universo onde todos os homens pequenos se reúnem e se compreendem. Posso levar o raciocínio adiante: o grande homem é a soma de vários homens pequenos, amassados durante séculos.” (CONY, 1967, p. 205).

Podemos, no entanto, nos perguntar se, com aquela sucessão de sacrifícios, heróicos todos, em maior ou menor grau, havia se conseguido dar alguns passos para a redenção da nação, depois de tudo o que a ela fora imposto pelo golpe de 64 e pela ditadura implantada. Ao se utilizar de imagens que, especialmente a partir da morte de Macedo, dialogam não só com o episódio do Êxodo – a narrativa revolucionária arquetípica –, mas também com os Evangelhos e especificamente com o tema da Paixão, *Pessach: a travessia*, aproximando-se de forma simpática à luta das esquerdas armadas contra a ditadura, nos lança o questionamento da viabilidade da redenção pretendida por estes movimentos revolucionários.

## **Conclusão**

No final dos anos 60, quando algumas das questões propostas em *Pessach* eram as questões de um debate amplo sobre os rumos da esquerda depois do golpe de 1964, um crítico como Leandro KONDER (1967, p. 142) identificou neste romance, especialmente em seu final, a exasperação de um ato de rebeldia romântica, individualista, que estaria em desacordo com os próprios passos do protagonista no decorrer do enredo. Acredito, porém, com o distanciamento histórico possibilitado pelos mais de 40 anos transcorridos, que a questão que *Pessach* nos coloca, por meio do gesto final do protagonista, é ainda mais contundente do que se ele nos apresentasse a Paulo Simões buscando reorganizar o movimento guerrilheiro do outro lado da fronteira. O romance nos sinaliza que o sacrifício já estava sendo realizado – e aqui, mais uma vez, é importante lembrar que foi escrito em 1966 e publicado em 1967, quando a experiência fracassada que ficou chamada como “Guerrilha de Caparaó” já ocorrera, mas quando a grande maioria dos combates armados que as esquerdas brasileiras fariam estavam ainda sendo articuladas. Contudo, seria este sacrifício capaz de redimir a nação, depois do que a ela havia sido imposto com o golpe? E, mais, depois de a sociedade brasileira haver sido, em grande medida, cúmplice, de uma forma ou outra, do golpe (como uma fala do personagem Sílvio claramente indica, à página 26 do romance), haveria ainda espaço histórico para a redenção pretendida?

Se, por um lado, o romance manifesta o desejo de se conseguir a derrubada rápida da ditadura, e nisso condena explicitamente a postura do PCB (Partido Comunista Brasileiro, referido em *Pessach* como “o Partido”), com sua linha política da resistência pacífica e não-violenta; por outro lado, à medida que as imagens associam-se mais e mais às imagens da Paixão – os braços abertos de Macedo ao detonar as granadas de pólvora e lágrimas, a água com que Paulo lava o rosto de Vera e dá-lhe de beber, a morte sacrificial de Vera e seu túmulo demarcado pela metralhadora, que

iria projetar uma sombra em forma de cruz, além da própria entrega à morte do protagonista –, o questionamento da validade histórica desse sacrifício é tecido em simultâneo.

Para finalizar, gostaria ainda de ressaltar a coerência e a unidade do romance, garantidas a cada passo pelo diálogo constante com as imagens bíblicas – que é mantido sempre em paralelo à busca de verossimilhança externa, com os dados da realidade sociopolítica. Se a transformação de Paulo pode nos parecer um tanto inverossímil, ela só ganha sua real dimensão simbólica quando pensamos, inclusive, na sua semelhança com os processos de conversão religiosa. Nesse sentido, não podemos nos esquecer que o nome do protagonista é Paulo, o que certamente também não é casual: Paulo como Paulo de Tarso, o judeu que, de perseguidor dos cristãos, transformou-se não só em mais um cristão, mas no principal responsável pela configuração do cristianismo como religião universal, para toda a humanidade.

Além disso, outro elemento fundamental ao romance é o modo como ele articula suas imagens principais, fazendo com que o signo com que se revestem seja alterado ao longo do enredo, às vezes radicalmente. Podemos acompanhar este processo de transformações, assim, não só no percurso de Paulo Simões, mas também pela figura de Macedo, que de homem rude, esquisito, e responsável pelo estupro de Vera, mostrara-se também generoso e heróico, ao sacrificar sua vida para que Paulo ou Vera, ou ambos, conseguissem chegar vivos à fronteira. Podemos pensar ainda, para concluir, em uma imagem que se reveste de bastante significação para o romance, o vinho, que aparece no primeiro jantar compartilhado por Paulo e Vera, ainda no primeiro dia do enredo, o aniversário de Paulo. Nessa ocasião, o vinho escolhido por Paulo é criticado por Vera, que o considera inapropriado ao prato que ele pedira, gerando mais um mote de discussão entre os dois. Bem adiante, quando Macedo já estava morto e ambos fugiam para a fronteira, encontram em um dos cantos dos soldados mortos, ao invés de água, um “vinho, meio ralo, sem gosto” (CONY, 1967, p. 296), mas que os aquece e protege contra o frio da noite sulina, aproximando-os ainda mais. Quando Vera é ferida pelo tiro inimigo, o vinho mais uma vez aparece, mas agora sob outra forma: “de sua boca sai um gosto de sangue, de vinho estragado”, que “já é um gosto de morte” (CONY, 1967, p. 298). Assim, *Pessach: a travessia*, para além de construir a trajetória de seu protagonista, e o conjunto de seu enredo, à semelhança das narrativas bíblicas aqui citadas, procura trabalhar também com uma construção que se assemelha a um processo bastante característico dos textos bíblicos, como vemos pelas palavras de Flávio Aguiar, para quem “a imagem central da Bíblia, na tradução evangélica, é a da transformação, seja a da água em vinho ou a do vinho em sangue. Uma coisa pode vir a ser outra, essa é a grande lição bíblica nesse sentido, ou ainda, uma coisa pode revelar-se outra” (AGUIAR, 2004, p. 275).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CONY, Carlos Heitor. *Pessach: a travessia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. [6ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007].
- [2] BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”, edição em língua francesa. Direção editorial Paulo Bazaglia. 4ª impressão, São Paulo: Paulus, 2006.
- [3] FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: A festa*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- [4] FRANCIS, Paulo. A travessia de Cony. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, ano III, nº 13, maio de 1967, pp. 179-183.
- [5] KONDER, Leandro. A rebeldia, os intelectuais e a juventude. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, ano III, nº 16, setembro de 1967, pp.135-145.

- [6] AGUIAR, Flávio. Posfácio do Tradutor. In FRYE, Northrop. O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

---

<sup>1</sup> **Marina Silva RUIVO, Doutoranda**

Pesquisadora bolsista do CNPq

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

E-mail: ruivomar@usp.br